

## A PERCEPÇÃO DO TEMPO POR MEIO DA VISÃO DE JOVENS ADULTOS

### *THE PERCEPTION OF TIME THROUGH THE VISION OF YOUNG ADULTS*

Alexsia Maria Cândido Freitas<sup>1</sup>

Vicente De Paulo Colodeti<sup>2</sup>

**RESUMO:** Quando falamos de tempo, temos diversas interpretações acerca dele, porém estamos mais acostumados a pensá-lo como presente, passado e futuro, mas ele não se restringe apenas a esse pensamento, sendo assim, o presente artigo, tem por objetivo buscar entender o que um grupo de jovens adultos na sociedade contemporânea capixaba entendem por tempo e, para isso, será feita uma pesquisa com a seguinte pergunta: “em sua opinião, o que é o tempo?”. A partir das respostas obtidas, realizaremos uma análise filosófica à luz da teoria de Santo Agostinho, também serão expostos os métodos utilizados para medir o tempo, formas que eram utilizadas há centenas de anos e o que restou de herança para a contemporaneidade.

**Palavras-Chave:** Percepção; Tempo; Jovens Adultos.

**ABSTRACT:** *When we talk about time, we have several interpretations about it, but we are more used to think about it as present, past and future, but it is not restricted only to these thoughts, thus, this article aims to understand what a group of young adults in the contemporary society of Capixaba understand by time and, for this, a survey will be done with the following question: "in your opinion, what is time? Based on the answers obtained, we will carry out a philosophical analysis in the light of St. Augustine's theory, and we will also expose the methods used to measure time, forms that were used hundreds of years ago and what has been left as an inheritance to contemporaneity.*

**Keywords:** *Perception; Time; Young Adults.*

## 1. INTRODUÇÃO

Com a correria do dia a dia, não percebemos o passar do tempo e, com isso, temos a tendência de pensar que o tempo está sempre “correndo” e que estamos cada vez com menos tempo para realização de tarefas diárias. Porém, o tempo continua sendo o mesmo e tendo a sua própria forma de “passar”, nem mais devagar, nem mais depressa. Sobretudo, cada indivíduo tem a sua própria forma de enxergar e de interpretar o passar do tempo de acordo com a sua subjetividade, suas experiências de vida e seu aprendizado cultural e social.

Para Agostinho (2017), o tempo se divide em três, a saber: 1) o presente do passado, que fica na memória; 2) o presente do presente, é a intuição; e, por fim, 3) o presente do futuro, que é a espera. O primeiro é algo que já se foi e não é mais palpável, que temos apenas na memória; o

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Filosofia do Unisales – Centro Universitário Católico. E-mail: alexsia.maria.freitas123@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduado em Ciências Sociais, Mestre e Doutor em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Possui experiência na área de Política Social, produção e execução de políticas públicas de trabalho e renda, microcrédito, informalidade e pobreza. Atualmente, compõe o quadro de professores do Centro Universitário Salesiano e atua como pesquisador do Centro de Política Comparada do Departamento de Ciências Sociais da UFES. E-mail: vcolodeti@ucv.edu.br.

segundo é o agora, mas não pode ser para sempre, pois caso contrário viraria eternidade, então se o tempo precisa se tornar passado para virar o tempo, ele não é, porque o que é, não pode deixar de ser; e, o último, também não pode existir, já que o futuro ainda não chegou, portanto é algo abstrato e quando ele chegar, deixará de ser, logo virando passado. Com isso, a humanidade sente a necessidade de medir o tempo para que tenha a sensação que consegue controlá-lo. Para isso, utilizam meios como relógios e calendários, essa forma de medir o tempo foi deixada pelos antigos egípcios e é utilizada até hoje, porém, o homem não consegue ter controle algum sobre o tempo, apenas a sensação de que consegue, visto que estão sempre afirmando que o tempo está cada vez mais corrido ou que estão cada vez com menos tempo para a realização de suas tarefas diárias, o que é reflexo do consumismo que chegou junto com a contemporaneidade, cada vez mais absortos na tecnologia e no consumismo, acabam “perdendo” o passar do tempo, o que traz a sensação de que o tempo está andando rápido demais.

Dito isso, nosso objetivo geral no presente artigo é não somente dissertar sobre as contribuições de Santo Agostinho (354) sobre o “tempo”, mas, também, valer-se disso para tentar interpretar, na medida do possível e de forma exploratória, um conjunto de falas de um grupo de pessoas de nosso entorno.

Quanto a forma metodológica, buscamos elaborar, aplicar, transcrever e analisar uma série de respostas feitas a partir dos sujeitos de pesquisa a partir da aplicação de um questionário com apenas 1 questão aberta, qualitativa e, fundamentalmente, subjetiva. Sendo uma estratégia reconhecidamente qualitativa, reconhecemos seu amplo campo interpretativo e sem qualquer pretensão de esgotamento teórico, mas que seve para produção de novas pesquisas e hipóteses de outros trabalhos.

Assim sendo, buscamos no presente artigo responder à seguinte pergunta: como um grupo de jovens adultos capixabas percebem o passar do tempo? Para dar cabo dessa questão, no próximo item, vamos dar vazão aos elementos teóricos fundamentais do presente artigo, quais sejam: os fundamentos filosóficos sobre o tempo e o tempo na sociedade contemporânea. Em seguida, apresentamos os dados de pesquisa coletados pelas entrevistas com nossas interpretações e análises filosóficas. Encerramos este breve trabalho com as considerações finais.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. ALGUNS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS RELEVANTES: O TEMPO E A CONTEMPORANEIDADE

Aurelius Agostinus, Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho (354 d.C), nasceu na cidade de Tazgate, conhecida hoje por ser a Argélia. Apesar de ter uma mãe devota, ele cresceu em um caminho, considerado pelos cristãos, mundano e pagão. Estudioso da lógica, filosofia e retórica, tornou-se professor de retórica, em seus estudos, Agostinho encontrava um certo tipo de conforto espiritual, o que o levou ao maniqueísmo. Aos 18 anos, ele tem um filho com uma mulher e acaba por casar-se com ela e viver em um casamento pecaminoso aos olhos de muitos religiosos. Quando tinha cerca de 30 anos, converteu-se ao cristianismo e, por

consequência de sua vida religiosa, foi nomeado Bispo de Hipona, dedicando-se a isso até o ano de sua morte em 430.

Pelo fato de ter se tornado cristão, Agostinho (354) dedicou muitos dos seus escritos para entendimento do mistério que seria Deus, em um de seus livros, quando tenta entender o processo de criação do céu e da terra, ele acaba por se deparar com o fenômeno do tempo e da eternidade, sendo assim, a partir desse momento, Santo Agostinho (354) questiona-se sobre o tempo, suas interrogações e seus significados. Ao que ele responde saber, porém, caso alguém lhe pergunte, ele não saberia explicar, mas ele possui confiança para afirmar que se nada passasse, o passado não existiria; se nada viesse a existir, o futuro não haveria; e se nada fosse, não teríamos o presente, sim a eternidade, com isso ele quer dizer que o tempo só existe, porque passado, presente e futuro são propensos a não serem mais.

Agostinho (2017), atesta que o tempo possui três divisões, o passado do presente, o presente do presente e o futuro do presente, ele afirma que esses tempos são inatos a alma, ou seja, eles já fazem parte de cada indivíduo, pois estão presentes em cada um. O passado do presente, se encontra na memória, pois é algo que já foi vivido, então não teria como voltar a esse momento, apenas por meio da memória, algo que não poderemos mais ter acesso de forma concreta, pois a partir do momento em que já vivenciamos o acontecimento, ele se encontrará somente em nossa mente e em nossas sensações; o presente do presente está na visão, pois é algo que está sendo vivenciado neste exato momento, seria tudo o que está acontecendo neste momento, que está sendo vivido de forma concreta e que só é possível ter acesso fora das sensações; já o futuro do presente é a expectativa, visto que é a ansiedade que se cria pelo acontecimento de algo futuro, algo que ainda não aconteceu – logo, não está em nossa mente – e também algo que não está acontecendo neste exato momento, algo que ainda está por vir, e não se pode saber como é de forma concreta e nem como foi, através de sensações.

O autor supracitado (2017) ainda afirma que, além de ter aquelas divisões, o tempo possui subdivisões:

Mas discutamos também isso, porque nem sequer um dia é inteiramente presente. Com efeito, é composto por um total de vinte e quatro horas noturnas e diurnas: em relação à primeira delas, as outras são futuras; em relação à última, passadas; e todas as que estão no meio têm antes de si horas passadas e depois de si, futuras (AGOSTINHO, 2017, p. 320).

Portanto, visto que cada hora é composta por momentos efêmeros, onde tudo o que foi é passado e tudo o que ainda resta é futuro, o presente consiste em um momento entre passado e futuro, porém, existe de forma muito breve.

Quando se trata do passado, Agostinho (2017, p. 321), diz que nós podemos perceber e entender o tempo a medida em que ela vai passando, porém, quando ele já passou, nós não temos mais essa capacidade de compreendê-lo, porque ele já não é mais. O autor reitera que a única forma de termos acesso ao passado é através de nossa memória.

Muito embora, quando narramos coisas verdadeiras do passado, são extraídas da memória não as próprias coisas que passaram, mas

palavras concebidas a partir das imagens que elas imprimiram na mente, como pegadas, pelos sentidos (AGOSTINHO, 2017, p. 322).

Sendo assim, não seria possível reviver um acontecimento através dos nossos sentidos físicos, apenas por meio de marcas que foram deixadas na memória, por meio de sensações, com isso, quando um fato passado é narrado, apenas o narrador possui o privilégio de conseguir vivenciar os acontecimentos passados, pois é algo que está preso na memória por exemplo, a infância, que já é algo que não é mais, quando narrada, é possível que o interlocutor reveja todos os seus momentos, pois foi algo vivido por ele e está em seu passado, porém, seus ouvintes não possuem a capacidade de vivenciar aquele momento. A respeito do futuro, ele compreende que não é possível que o vejamos de forma palpável, pois se estamos vendo-o, não é futuro e sim o presente. Não é possível dizermos que estamos vendo o futuro, portanto, quando é dito que o futuro está sendo visto, não é dele no sentido literal que está sendo falado e sim que está sendo feita uma previsão ou que há um sentimento de expectativa a respeito do que pode vir a acontecer. Um exemplo utilizado pelo autor é a aurora, ao vermos a aurora antevimos que o sol logo irá nascer, melhor dizendo, a aurora que é vista, é o presente e o nascimento do sol é o futuro.

Com efeito, os acontecimentos futuros ainda não são, e, se não são ainda, não são, e, se não são, não há como serem vistos; mas podem ser preditos a partir de acontecimentos presentes, que já são e são vistos (AGOSTINHO, 2017, p. 323).

Com relação ao presente, ele diz que se fosse sempre presente, se ele não passasse, não seria presente, mas sim a eternidade, o que seria impossível, pois o único ser possível de viver a eternidade e de ser a eternidade é Deus. Deus, assim, é a eternidade, pois veio antes do tempo, e é o criador do próprio tempo, porém não é possível que o tempo seja coeterno com ele, pelo fato de Deus ser permanente e, caso o tempo permaneça, não será mais chamado tempo, sim eternidade. Ele é a eternidade, pois não possui passar dos anos, diferente do homem, que tem seus dias, meses e anos contados. Os seus anos encontram-se todos juntos, pois não são trocados pelos que virão, já que não há anos para vir.

Teus anos são em um único dia, e teu dia não é um dia após dia, mas um hoje, porque teu hoje não é suprimido por um amanhã, nem substituído por ontem. Teu hoje é a eternidade, logo geraste coeterno aquele a quem disseste: “**Hoje te gerei**” (AGOSTINHO, 2017, p. 318, grifo do autor).

De acordo com Amaral, Souza e Pereira (2012), essas divisões existentes no tempo, servem para que haja uma distinção entre criador e criatura, uma vez que se o homem deixa de viver todo o processo do tempo – passado, presente e futuro – já não seria mais considerado criatura, sim criador, já que o único ser capaz de viver a eternidade é Deus, o criador, com isso, ele não possui a necessidade de viver todas as fases do tempo. Os autores também destacam, que somos seres humanos, e isso determina que vivamos todos os momentos do tempo:

Enfim, somos seres humanos, nascemos, crescemos e com toda certeza morreremos, é a lei da vida, somos criação e o tempo pertence

à criação, ambos são mutáveis, logo, um dia deixaremos de existir (AMARAL; SOUZA; PEREIRA, 2012, p. 21).

Ainda reiteram, que apesar de passarmos por todas essas etapas, que incluem nascimento, crescimento e morte, isso não nos impede de buscar as coisas eternas, pois, na vida terrena, vivenciamos coisas que são governadas pelo eterno: “[...] na temporalidade, vivenciamos as coisas terrenas, governados pelas coisas eternas, o hoje para o divino é uma constante eternidade” (AMARAL; SOUZA; PEREIRA, 2012, p. 21).

No decorrer de sua teoria, Santo Agostinho (2017), afirma que o tempo é uma extensão da memória, não sendo algo capaz de ser medido ou controlado, porém no decorrer dos séculos, o homem possui a necessidade de tentar controlá-lo e medi-lo, com o intuito de conseguir se organizar e organizar a comunidade em que está inserido, isso levou a humanidade a desenvolver vários métodos para medição do tempo, por exemplo, as primeiras formas de medição de tempo foi através da observação das estrelas, da lua e das marés, essas formas de observação fez com que o homem criasse calendários, lunares e solares, e relógios, instrumentos que causam a sensação de controle do tempo e, esses métodos, criados há milênios de anos, ainda são utilizados até hoje pela sociedade contemporânea.

Na antiguidade, o passar do tempo era percebido através do movimento do sol e das estrelas e essa forma de percebê-lo foi evoluindo para a forma que utilizamos na contemporaneidade, apesar de também possuírem calendários, por exemplo, os calendários mais antigos que a história nos permite conhecer, são o hebreu e o egípcio, cada um possuía 360 dias, de acordo com Marques (2006), esses 360 dias dos calendários antigos, são considerados curtos para representar o ciclo de todas as estações, mas em contrapartida, são longos para corresponder o que era chamado de ano lunar. A maneira que os egípcios separavam o ano se difere muito da forma utilizada pelos hebreus, que por sua vez, acabou sendo esquecida ao longo dos séculos; os egípcios “[...] dividiam o ano em 12 meses, cada um com 30 dias e cada mês em três décadas [...]” (MARQUES, 2006, p. 3).

Com o passar do tempo – depois de muitas alterações – por volta do ano 5000 a.C, os egípcios chegaram à conclusão de que haveria um ano civil que não sofreria mais nenhum tipo de alteração, esse ano conteria 365 dias, dessa forma, ainda seria possível manter a divisão que foi estabelecida a priori, onde o ano seria dividido em 12 meses e cada mês consistia em 30 dias, porém sempre sobriaria 5 horas ao final de cada ano. Essa maneira de medir o passar do tempo, é a mesma que utilizamos nos tempos atuais, porém utilizamos o chamado calendário Juliano, o calendário Juliano foi organizado pelo imperador romano Júlio Cesar (100 a.C - 44 a.C), esse novo calendário, além de ter a principal divisão que já tinha sido preestabelecida, agora integraria as 5 horas que restariam ao final de cada ano.

[...] mediante um sistema que devia se desenrolar por ciclos de quatro anos, com três comuns de 365 dias e um bissexto de 366 dias, a fim de compensar as quase seis horas que havia de diferença para o ano trópico (MARQUES, 2006, p. 5).

Apesar de utilizarmos o mesmo calendário criado pelos antigos, ele sofreu algumas alterações nos nomes dos meses, por exemplo, os meses dos primeiros calendários eram esses:



Januarius – 31 dias	Quintilis – 31 dias
Februarius – 29 dias	Sextilis – 31 dias
Martius – 31 dias	September – 31 dias
Aprilis – 30 dias	October – 30 dias
Maius – 31 dias	November – 31 dias
Junius – 30 dias	December – 30 dias

Fonte: Marques (2006)

Já os que utilizamos no período atual, possuem nomes diferentes, porém continuam com as divisões já antes estabelecidas, por exemplo:

Tabela 2: Calendário atual

Janeiro – 31 dias	Julho – 31 dias
Fevereiro – 29 dias	Agosto – 31 dias
Março – 31 dias	Setembro – 31 dias
Abril – 30 dias	Outubro – 30 dias
Mai – 31 dias	Novembro – 31 dias
Junho – 30 dias	Dezembro – 30 dias

Fonte: elaboração própria

Por mais que tenhamos herdado essa maneira de medir o tempo, o que os antigos buscavam eram apenas formas de entender e organizar a comunidade em que estavam inseridos. No entanto, com o passar do tempo, a forma que o homem se relaciona e interage com o tempo, acaba por se modificar, pois, de acordo com Masson e Resende (2005), a nossa contemporaneidade está firmada apenas no presente, visto que hoje estamos todos focados no imediatismo causado pelo consumismo. Esse imediatismo com as relações e com tudo que está ao redor do homem contemporâneo, surge devido ao capitalismo. Em um mundo onde se consegue ter o que quer na palma de sua mão, tudo acaba por ficar mais acelerado e instantâneo, não se tem mais a noção do que é passado, presente ou futuro, temos somente o agora. Com toda essa pressa que se tem nos tempos atuais, relações pessoais também acabam sendo impactadas, já não se vive mais o momento de estar com as pessoas ao seu redor; ao mesmo tempo que uma pessoa está socializando com um grupo de amigos, ela possui a capacidade de estar em outro lugar, tudo isso através de suas mídias sociais, essa forma de viver o momento acaba por fragmentar relações, assim como afirmam Masson e Resende (2005)

O ritmo acelerado, a fragmentação, a padronização, a individualização, a quantificação e o imediatismo que garantem a eficiência da produção industrial migram para as relações humanas e sociais (MASSON; RESENDE, 2005, p. 1).

Essa nova forma de viver as relações, nos faz perceber que o homem acaba por ficar cada vez mais instrumentalizado, onde, ao invés de controlar o seu próprio tempo, acaba ele mesmo sendo controlado, não só pelo tempo, mas também pelo imediatismo e por cada avanço tecnológico alcançado pela contemporaneidade. Assim como dizem Furlan, Lima e Lima (2020) o capitalismo é produzido como uma forma de submissão, ou seja, a cada novo passo do capitalismo, mais submisso se torna o homem, essa submissão o leva a ser cada vez mais apressado com tudo o que está ao seu redor. Ainda de acordo com o pensamento dos autores:

Um dos traços mais marcantes da sociedade contemporânea diz respeito ao culto à velocidade, encarada como um reflexo social na qual predominaram os valores industriais por mais de duzentos anos e que determinaram o comportamento nas sociedades capitalistas do ocidente (FURLAN; LIMA; LIMA, 2020, p. 13).

Todo esse imediatismo que temos com tudo ao nosso redor, nos dá a noção de que o tempo está cada vez mais curto, ou que o dia está cada vez menor, nos dando a sensação de que um dia com 24h é pequeno para que consigamos cumprir com todas as nossas tarefas.

## 2.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMPO PELA ÓTICA DE JOVENS ADULTOS: UMA LEITURA FILOSÓFICA POSSÍVEL

A fase de transição da adolescência para a vida adulta, por muitas vezes pode ser complicada. Essa fase costuma ser chamada de *adulthood* (que, em tradução livre significa comportando-se como adulto) e pode acabar sendo “assustadora” para muitos jovens que têm planos para esse novo momento de sua vida, pois é nesse momento da vida que há possibilidade maior de acabarem se frustrando pelos respectivos planos de vida não ocorrerem da forma como idealizados. Muitos desejam ingressar em uma faculdade, conseguir um emprego bem remunerado, realizar viagens, conquistar a independência financeira e pessoal, enfim, em um certo sentido, escrever sua própria história, assim como afirma Moraes (2010):

A tensão entre o desejo de ascensão social e profissional a partir do aumento de grau de escolaridade e a manutenção de padrões socioculturais permeia os relatos dos jovens e se apresenta como uma entre as múltiplas e diferenciadas experiências de transição para a vida adulta. Essa tensão é evidenciada na elaboração de um projeto de vida que procura, por um lado, manter valores definidos pela família de origem e, por outro lado, atingir um status mais reconhecido na sociedade com a obtenção de um diploma universitário e uma melhor posição no mercado de trabalho (MORAES, 2010, p. 73).

Outro fator que acaba impactando esse período de transição da adolescência à vida adulta é o tempo. Quando somos adolescentes, costumamos ter sempre algum tempo “sobrando”, pois, nossas tarefas são comumente monitoradas por nossos pais, porém, com a vida adulta teremos de lidar com novas tarefas, novas relações e novos ambientes, o que acaba mudando drasticamente a rotina em que estamos habituados. Essa nova rotina, nos leva a pensar que o tempo está passando muito rápido, principalmente quando estamos em alguma atividade agradável, em contrapartida, temos a sensação de que ele está passando muito devagar quando estamos em um dia cansativo de trabalho, porém o tempo continua com a sua mesma forma de passar. Comumente, medimos o tempo através do calendário lunar, que é uma herança deixada pelos povos antigos.

O dia solar verdadeiro, intervalo de tempo entre duas passagens consecutivas do Sol pelo meridiano local, varia entre 23h59mins39s e 24h00min3030s. Estas variações, devidas às desigualdades que afetam a ascensão reta do Sol, obrigam-nos a utilizar um dia civil, com a duração de 24 horas. Este dia, definido em função do dia solar médio, começa à meia-noite e termina à meia-noite do dia seguinte (MARQUES, 2006, p. 2, grifo do autor).

Mas essas formas de medição são somente para termos a sensação de controle do tempo, pois, pelo fato de ser algo abstrato, não é possível termos acesso ao tempo de forma física, também não somos capazes de delimitá-lo de acordo com nossas tarefas, temos a capacidade de organizá-lo, porém, a geração atual vive no automático que acaba não percebendo o passar do tempo, o que os leva a sensação de que o tempo está correndo e temos a necessidade de nos “espremer” mais e mais em um dia que tem apenas 24h. Essa sensação de estar perdendo tempo, acaba impactando um pouco mais forte a vida de jovens adultos, que em sua maioria

precisam se organizar para fazer todas as suas tarefas dentro desse período; geralmente, essas pessoas precisam se organizar muito bem dentro desse espaço de tempo, porque, em sua maioria, trabalham, estudam e ainda têm a necessidade de um momento de lazer – o que muitas vezes não ocorre, porque sempre estão na “correria” o que os levam a negligenciarem esses momentos de distração, ou se ocupam do que é considerado “lazer passivo”, ou seja, aquele lazer o qual não nos obriga a estarmos fisicamente ativos, tal como ouvir música, navegar na internet, assistir televisão ou ler um livro, assim como afirmam, Lourenço e Emmel (2016). Bim e Junior (2005), reiteram que essa forma de lazer, onde as pessoas não precisam se movimentar nem sair do lugar, ocorre devido todo o avanço tecnológico que aconteceu nas últimas décadas do séc. XX.

Esse avanço proporcionou melhoras significativas na vida das pessoas, através da evolução das ciências da saúde, educação, estrutura das cidades, transporte, saneamento básico, eletrodomésticos, máquinas, computadores, internet e outros. Entretanto, a modernização, que trouxe facilidades para a vida diária das pessoas, contribuiu também para que o homem se habituasse a desenvolver cada vez menos atividades físicas, seja no trabalho, em casa, na escola ou em momentos de lazer (BIM; JUNIOR, 2005, p. 77).

Mas, agora voltando-nos para nossa pesquisa de coleta de dados propriamente dita, o que os jovens adultos entendem como sendo o “tempo”? Vejamos isso no item que se segue.

### 3. METODOLOGIA

Do ponto de vista propriamente metodológico, o nosso problema de pesquisa perseguido a partir da aplicação de um questionário simples com apenas 1 questão aberta, a saber: “em sua opinião, o que é o tempo?”. Essa entrevista foi feita com 21 jovens adultos, cuja faixa etária variou entre 20 e 30 anos. Esse grupo de pessoas era, no momento do levantamento dessas informações, residente de nosso entorno. Em seguida, foi feita a transcrição das repostas tal como elas foram verbalizadas e, por sua vez, essas foram tabuladas e, finalmente, categorizadas para organização das informações e posterior análise filosófica a partir de nosso referencial teórico, mais notadamente, a teoria de Santo Agostinho sobre aquilo que diz respeito ao tempo. Vale notar, aqui, que: 1) todas as falas dos sujeitos partícipes desta pesquisa serão abordadas neste artigo na forma de texto corrido e indicadas com o uso de aspas duplas e, posteriormente, com a autoria entre parênteses; e, 2) os nomes de cada sujeito entrevistado foi suprimido e em seu lugar será usado um indicativo para cada sujeitos da seguinte maneira: “(ENTREVISTADO 01)”, “(ENTREVISTADO 02)” etc. Dito isso, essa coleta de dados levou em conta uma estratégia reconhecidamente qualitativa, de amplo campo interpretativo e sem qualquer pretensão de esgotamento da temática, de tal forma que nos dê, para além de uma possibilidade de abordagem filosófica, hipóteses de trabalho para novas pesquisas a dar condições de produção de hipóteses de novos trabalhos.

### 4. RESULTDOS E DISCUSSÃO

A partir do senso comum, o tempo possui diversas definições, e, devido a isso, foi realizada uma pesquisa com vinte e uma pessoas, onde cada uma delas deu o seu significado para o conceito tempo (significados esses absolutamente subjetivos e dependentes das respectivas



experiências de vida, aportes culturais, valores etc.). A seguir, veremos algumas das definições dadas pelos entrevistados. Para isso, as falas dos componentes da pesquisa serão expressas no texto com uso de aspas duplas, com indicação na sequência da seguinte forma: (ENTREVISTADO 01)

Antes de entrarmos diretamente nas particularidades das entrevistas realizadas, vale notar, aqui, que todas as falas obtidas em nossa pesquisa puderam ser organizadas em 3 categorias, quais sejam: 1) cronológica; 2) movimento e, finalmente, 3) sensação.

Assim sendo, em sua maioria (ou seja, 18 entrevistados), as pessoas abordadas acreditam que tempo se resume ao passado, presente e ao futuro, definindo o tempo apenas como forma cronológica, pois é “um medidor” (ENTREVISTADO 1) ou o meio que o homem utiliza “para conseguir se localizar, localizar sua vida, fechar ciclos, abrir ciclos” (ENTREVISTADO 2). Em contrapartida, poucos dos entrevistados (ou seja, 5 entrevistados) enxergam o tempo como movimento, afirmando que o tempo é “algo incapaz de ser parado ou alterado” e ainda que “é o movimento de alguma coisa em relação a outra coisa” (ENTREVISTADO 3). Houve quem também o definiu como sensação, declarando que “o tempo é cura” (ENTREVISTADO 4) ou que o tempo “não é um lugar físico” (ENTREVISTADO 5), “é uma sensação” (ENTREVISTADO 6).

Das 21 pessoas entrevistadas, 18 delas definiram o tempo como forma cronológica, pois entendem ele como passado, presente e futuro, ou entendem que apesar de ser algo passageiro, é também algo eterno, assim como disse uma das entrevistadas: “[...] parece que vai durar para sempre, parece que é eternizado” (ENTREVISTADO 7) houve também quem disse que é uma forma que utilizamos para medir os momentos que passamos: “[...] é só uma forma que a gente usa ‘pra’ contar os momentos que passamos” (ENTREVISTADO 8), ou: “O ser humano em si precisa seguir uma linha cronológica ‘pra’ se organizar e ‘pra’ isso ele enquadra a sua vida dentro de um tempo” (ENTREVISTADO 9). Essa forma de enxergar o tempo, é a que estamos mais acostumados a ouvir, visto que desde sempre somos ensinados que o tempo é passado, presente e futuro, onde as coisas acontecem de forma linear e, tudo o que aconteceu antes do presente é passado e não teremos mais acesso, já o futuro é algo que não existe a possibilidade de sabermos o que é visto que a cada vez que ele chega já se torna presente que, por sua vez, se torna passado.

Alguns dos entrevistados definiram o tempo como sensação, assim como disse o ENTREVISTADO 7, que também definiu o tempo como forma cronológica “[...] como se fosse uma cura mesmo, mas ao mesmo tempo parece algo muito complexo”, algumas pessoas também disseram que o tempo: “São as memórias, os momentos e as coisas que vão acontecer” (ENTREVISTADO 10), outra forma de enxergar o tempo por meio da definição de tempo como sensação, foi dada pelo ENTREVISTADO 11, “[...] o tempo é criado por nós mesmos”, ou “O tempo não é um lugar físico” (ENTREVISTADO 12). O tempo visto como sensação é a definição que mais se aproxima do que foi dito por Santo Agostinho (2017), pois em muitas de suas passagens, ele reitera que o tempo é algo que está em nossa memória, como o passado e o presente, que não podemos alcança-los e, apesar de já termos passado pelo *passado*, não temos mais acesso a ele de forma física, já o futuro, nunca teremos acesso a ele, então ele estará sempre em nossas sensações, nunca teremos acesso a ele de forma concreta, em suas palavras “[...] o passado já não é, e o futuro não é ainda [...]” (AGOSTINHO, 2017, p. 319).

Outra forma de definir o tempo dada pelos entrevistados, foi o tempo como movimento, assim como também disse o ENTREVISTADO 12: “É o movimento de algo/uma coisa em relação a outra coisa.” Ou “É algo constante, que não para” (ENTREVISTADO 13). Santo Agostinho (2017), também diz que o tempo é algo passageiro e efêmero, onde o passado já não é mais e o futuro ainda não veio a ser, já o presente, seria um momento passageiro entre esses dois instantes. Entretanto, tempo seria algo passivo de inúmeras interpretações, sendo ele passado, presente e futuro, sensações ou movimentos.

Dito isto, a forma que os jovens adultos percebem e compreendem o tempo, tende a variar de acordo com suas relações e experiências, sendo então algo subjetivo, visto que o meio em que estão inseridos influencia diretamente na forma como o entendem, por exemplo, jovens adultos, público-alvo de nossa pesquisa, crescidos em meio a uma sociedade consumista que tem a necessidade de ter todas as coisas de forma imediata, têm a sensação de que o tempo está sempre correndo, assim como afirmam Furlan, Lima e Lima (2020)

Cada época apresenta as suas teorias dominantes e com um novo enfoque. Desta forma, olhando para a história, percebemos que inúmeras concepções sociais de modelo de desenvolvimento fizeram a organização da vida, visando à materialização de um determinado tempo e delimitações entre fronteiras cronológicas. Em nossa época, descrevemo-nos como lógicas voltadas somente ao presente e, quando se age dessa maneira, atendemos só ao urgente, apenas ao que é prioritário, ou seja, tudo deve ser resolvido no imediato [...] (FURLAN; LIMA; LIMA, 2020, p. 14).

Desta forma, pudemos observar que a nossa sociedade atual tende a estar muito mais dependente de artigos (tecnologia, consumismo etc.) que os fazem passar pelo tempo sem que o perceba, dando-lhes a sensação de que estão sob controle do tempo, quando na verdade é a própria sociedade quem está sendo controlada e cada vez mais submetida a essas tecnologias que lhes causam falsas impressões, sobretudo, apesar disto, conseguem entender o tempo de uma forma única e pessoal.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos responder à questão inicial, que era “como os jovens adultos percebem o passar do tempo?”, com as respostas obtidas foi feita uma análise filosófica com embasamento teórico de Santo Agostinho, onde conseguimos compreender a forma que os jovens adultos compreendem o tempo e que, apesar de viverem em uma sociedade acelerada onde tudo tem que acontecer o mais rápido possível, entendem o tempo como algo único e subjetivo, alguns mostraram o tempo apenas como passado, presente e futuro – uma vez que o meio em que estamos inseridos, ensina o tempo somente dessa forma mais concreta, como passado, presente e futuro e, não como algo capaz de ser entendido de outra maneira – ao passo que outras pessoas entendem o tempo como algo próprio da memória, assim como entende Santo Agostinho, que nos diz que só podemos acessá-lo através de nossas sensações. Além disso, foi possível chegar a uma conclusão do porquê a sociedade contemporânea tem a necessidade do imediatismo, principalmente os jovens adultos, que em sua maioria cresceram cercados pelo consumismo e pela tecnologia, se tornando cada vez mais instrumentalizados e tendo a sensação de que são capazes de controlar, não só o tempo, mas tudo que o rodeia, quando na verdade eles próprios estão sendo controlados por todo o imediatismo, consumismo e tecnologia em que estão inseridos.

O presente trabalho, torna-se relevante, pois, grande parte da sociedade em que estamos encaixados, pensam o tempo de forma vaga e passageira, quando na verdade é algo que vai além do que diz o senso comum, estando aberto para inúmeras interpretações, sendo passado, presente e futuro, sensações ou movimentos.

Portanto, espera-se que esse estudo contribua para a ampliação do conhecimento acerca da compreensão de jovens adultos em relação ao tempo, tomando como base toda a pesquisa, torna-se significativo que saibamos do que se trata o tempo, não somente o que nos diz o senso comum, mas o que conseguimos concatenar a partir de nossas próprias interpretações.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). **Confissões**. 2. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Trajetórias De Jovens Adultos: Ciclo De Vida E Mobilidade Social**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 16, n. 34, pág. 71-92, jul./dez. 2010.
- BIM, Ricardo Henrique; JUNIOR, Nelson Nardo. **Aptidão física relacionada à saúde de adolescentes estagiários da Universidade Estadual de Maringá**. Acta Sci. Health Sci., Maringá, v. 27, n. 1, p. 77-85, 2005.
- CAMPOS, Carlos Eduardo. **Nearco**. Revista eletrônica de antiguidade, Rio de Janeiro, v.11, n. 1, pág. 1-293, 2013.
- CARNEIRO, Marcelo Carbone. **Considerações sobre a idéia de tempo em Sto. Agostinho, Hume e Kant**. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v.8, n.15, p.221-232, mar/ago 2004.
- FRANCH, Mônica. **Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife**. Revista Brasileira de Estudos de População, v.19, n.2, pág. 117-133, jul./dez. 2002.
- FURLAN, Susana Angelin; LIMA, José Milton de; LIMA, Márcia Regina Canhoto de. **“Falta Tempo, Tem Que Correr”: O Tempo Na Contemporaneidade E Sua Concepção No Contexto Escolar**. Educação: Teoria e Prática, Rio Claro, SP, v. 30, n.63, pág. 1-19, junho de 2020.
- GONÇALVES, Ana Teresa M.; NETO, Ivan Vieira. **Uranos, Cronos e Zeus: a mitologia grega e suas distintas percepções do tempo**. Tempo e Eternidade na Idade Média, Goiás, pág.1-17, dezembro de 2010.
- LOURENÇO, Mariane Cristina; EMMEL, Maria Luisa Guillaume. **O Uso Do Tempo Em Uma População De Adultos Jovens Universitários: Um Estudo Exploratório**. Revista Brasileira de Iniciação Científica, Itapetininga, v. 3, n. 3, pág. 75-89, março de 2016.
- MARQUES, Manuel Nunes. **Origem e evolução do nosso calendário**. Texto extraído do site <http://www.mat.uc.pt/~helios/Mestre/H01orige.htm> e adaptado para português brasileiro em julho de 2006.
- MASSON, L.; RESENDE, A. **A presentificação do tempo na contemporaneidade**. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG - CONPEEX, 2., 2005, Goiânia. Anais eletrônicos do XIII Seminário de Iniciação Científica [CD-ROM], Goiânia: UFG, 2005.
- PAIS, José Machado. **Tessituras do tempo na contemporaneidade**. ArtCultura, Uberlândia, v. 18, n. 33, pág. 7-18, jul.-dez. 2016.
- PINTO, Julio. **Logos sensorial: tempo e sensação na contemporaneidade**. Contemporanea, vol. 8, n. 2. pág. 1-11, dezembro de 2010.
- SALGADO, Júlia. **O produtivo tempo livre dos jovens: representações do consumo do tempo na contemporaneidade**. Revista Contracampo, Niterói: Contracampo, v. 24, n. 1, pág. 233-248. ed. julho de 2012.

ISSN:  
Ano 2023  
Volume 1 – Número 1

CIÊNCIA NA  
PRÁTICA



VAZ, Aline Tabosa. **A Visão de Santo Agostinho sobre o Tempo**. 2009. 38f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura e Bacharelado em Filosofia) – Instituto De Ciências Humanas E Sociais-Ichs Departamento De Filosofia, Universidade Federal De Mato Grosso-Ufmt, Mato Grosso, 2009.